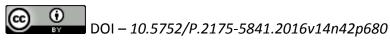


Resenha



PINTO, Raimundo Nonato Leite; LEMOS, Carolina Teles; ECCO, Clóvis. **Medicina e Religião no enfrentamento do HIV/AIDS**: família como ângulo de análise. São Paulo: Fonte Editorial, 2016. 196p. ISBN 978-85-68252-9-9

José Reinaldo Felipe Martins Filho \*

A verdade sobre a Aids é, evidentemente, uma verdade universal sobre como é o mundo hoje. Noutras palavras: como permitimos que ele se apresente. (Regina Ammicht-Quinn)

Em um tempo de forte estigmatização social, portadores do vírus HIV/AIDS empreendem um duplo enfrentamento: por um lado, a luta contra os males do corpo em prol do restabelecimento de sua saúde plena; por outro, o combate no plano simbólico, no nível das relações sociais e afetivas, impondo-se contra preconceitos de diferentes ordens, os quais fazem padecer não apenas o físico, mas também – e, quiçá, sobremaneira – o espiritual. Daí a relevância de pesquisas que se coloquem no pondo de confluência entre saberes como a medicina – tomada, neste caso, como representante da ciência – e a religião. A despeito do que previram algumas tendências de origem positivista do passado, o saber religioso não se opõe ao conhecimento científico. Ou, melhor dizendo, não apenas não se

Resenha recebida em 28 de abril de 2016 e aprovada em 24 de maio de 2016.

<sup>\*</sup> Doutorando em Ciências da Religião. PUC-GO. País de origem: Brasil. E-mail: jreinaldomartins@gmail.com

opõe, mas, ao contrário, pode oferecer preciosa contribuição. Tal afirmação se sustenta levando em conta as múltiplas dimensões que compõem o ser humano, este todo complexo, dotado de corpo, alma e espírito, de um dinamismo interno com alta incidência mobilizadora, sujeito a afecções decorrentes de sua percepção sensorial e a sublimações no horizonte do sonho e da metáfora.

Entre outros trabalhos de reconhecido mérito científico vale a pena mencionarmos Medicina e Religião no enfrentamento do HIV/AIDS, uma obra escrita a seis mãos por professores com notória experiência no trato com o tema da religião em suas múltiplas articulações. Os três autores pertencem ao quadro de docentes da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. O primeiro, Raimundo Nonato Leite Pinto, é médico, preceptor da Residência Médica em Infectologia no Hospital de Doenças Tropicais de Goiânia, com mais de trinta anos de experiência acompanhando pacientes com HIV/AIDS, os quais foram objeto de seus estudos de mestrado e doutorado em Ciências da Religião. A segunda, Carolina Teles Lemos, possuidora de uma vasta experiência em projetos de pesquisa relacionados à família, ao debate sobre as questões de gênero e à religião, é mestre e doutora em Ciências Sociais e da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, atuando, há vários anos, como professora titular no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-Goiás. Enfim, Clóvis Ecco, professor e atual coordenador do mestrado e doutorado em Ciências da Religião da PUC-Goiás, de igual modo experiente no trato com os temas saúde e religião, especialmente no que se refere a pesquisas envolvendo pacientes acometidos pelo vírus HIV/AIDS.

Publicado pela Editora Fonte Editorial no início de 2016, o trabalho toma como objeto de estudo um grupo de trinta mulheres diagnosticadas com o vírus HIV/AIDS. Logo na introdução da obra, vemos justificado este recorte populacional: "a opção por estudar somente mulheres com esse problema de saúde foi pela crescente feminização da infecção pelo HIV/AIDS, além da busca de respostas que pudessem explicar como se comportam as famílias ao saberem da existência de uma pessoa portadora do vírus dentre seus membros" (p. 8). Apenas

por este pequeno recorte já se é possível vislumbrar o direcionamento das análises que, tal como admoesta o próprio subtítulo da obra, se direcionarão rumo à consideração do fenômeno na perspectiva das famílias dos pacientes. Trata-se de uma opção metodológica de crucial importância para a interpretação dos resultados e eventuais impactos da pesquisa. Isso porque a família se constitui como o primeiro espaço de convivência social ao qual um indivíduo é submetido, atuando de maneira determinante sobre as ulteriores relações. A família é, noutras palavras, uma das principais matrizes a partir das quais o indivíduo compõe o seu universo de sentidos e valores, isto é, o seu "mundo". No caso do enfrentamento de uma doença como o HIV/AIDS a família se consolidará como uma importante base de resistência, fornecendo o apoio necessário para a vivência do dia a dia do paciente. Daí que, das duas demandas levantadas pela pesquisa, a segunda questione especificamente a família, servindo de suporte para o aprofundamento da discussão suscitada pela primeira: "1) a infecção pelo HIV/AIDS na mulher vem aumentando significativamente nos últimos anos? Quais fatores estão contribuindo para a feminização da doença? 2) Além da medicina, que papéis desempenham a religião e a família no combate à doença em mulheres soropositivas?" (p. 9-10).

Organizado em quatro capítulos, o livro perfaz um caminho que parte da consideração teórica do vírus HIV/AIDS, empreendida na ótica das ciências médicas, sobretudo da epidemiologia, da etiologia, da patogenia, do diagnóstico e do tratamento da infecção, o que favoreceu a passagem para os capítulos seguintes, cujo escopo se amplia à leitura das ciências humanas sobre este fenômeno. O segundo capítulo toma como mote os desafios, enfrentamentos e soluções apresentados pelas mulheres soropositivas. Para isso elege três pontos nucleares para sua reflexão, quais sejam: o medo, o preconceito e a sexualidade. Ao abordarem o aspecto do medo, os autores estabelecem uma interlocução com o trabalho de Zygmunt Bauman. Segundo Bauman, a sociedade moderna deu-se conta de que a vida antes da morte pode apresentar maior número de incertezas que a própria morte. Este fator é responsável pelo estabelecimento de um sentimento generalizado de medo e insegurança. De fato, quando indagadas, as

pacientes portadoras do HIV/AIDS alegaram possuir, antes de qualquer outra reação, uma sensação de medo. Levado à última potência, notadamente, está o medo da morte: "sendo assim, a história de enfrentamentos e de diálogos com o medo se constitui também em uma história de enfrentamentos e diálogos com a morte" (p. 60). Tamanho é o medo que muitas das mulheres entrevistadas preferem levar a vida na clandestinidade, carregando sozinhas o fardo que a doença representa. Este, no entanto, não é o único motivo do silêncio a respeito da doença.

Na verdade, o medo da morte está aliado a outro nível de temor, como segue: o medo da exclusão social resultante do preconceito. Dizem os autores: "o medo da morte parece ter ficado atenuado com a boa perspectiva da terapia antirretroviral. O preconceito, porém, pouco se modificou com o passar dos anos da epidemia de HIV/AIDS" (p. 66). Conforme a avaliação dos autores, no tocante à influência da religião sobre os preconceitos, as opiniões das entrevistadas foram divididas. Algumas acham que as religiões reforçam o preconceito, enquanto outras defendem o respeito à diversidade evidenciado pelas instituições religiosas. Nalguma medida, contudo, devemos admitir que, enquanto fator de mobilização social, o preconceito certamente é um elemento de importância na manutenção das hierarquias sociais, entre as quais aquelas pertencentes ao universo da religião. Isso pode se tornar ainda mais evidente nos casos em que o preconceito comparece de maneira articulada com a discriminação. Isso ocorre, por exemplo, no que tange à temática da sexualidade, dimensão que "compreende todos os valores, sentimentos e comportamentos relacionados com o prazer sentido pelo corpo, bem como a satisfação moral, a conjugalidade e a reprodução sexual" (p. 75). No caso das mulheres entrevistadas, a maior autonomia na vida sexual foi verificada apenas entre as mais velhas. No mais das vezes, entre as mais jovens prevalece o cerceamento dos direitos em relação à sua vida sexual, uma consequência do preconceito/discriminação.

Na sequência dos temas, o terceiro capítulo faz alusão à religião como forma de enfrentamento do HIV/AIDS. De maneira geral, uma mesma aplicação

certamente poderia ser estendida a outras modalidades de doenças, de modo que as pacientes portadoras de HIV/AIDS cumprem, neste estudo, uma função elucidativa. Neste caso específico, "todas as mulheres entrevistadas tinham como característica comum a experiência com o HIV. Cada qual com uma história de vida para ser contada a sua maneira, porém a grande maioria apresenta forte envolvimento com a religião nos vários aspectos da infecção/doença" (p. 95). A religião, porquanto, torna-se um forte componente na luta simbólica contra a ameaça que a doença representa. Isso ocorre sobretudo por dois motivos: pela sua capacidade de conferir robustez, isto é, força, energia vital, entusiasmo, e, por decorrência, sentido para a vida (nomia social). Alguns, inclusive, podem defender uma perspectiva inversa, da atribuição de sentido para a força, sendo esta mera consequência daquela – e estes têm razão. De qualquer modo, "é no contexto de adaptação à morte que aflora a religião, uma vez que esta constrói suas bases nas brechas emocionais oriundas da perspectiva da imortalidade e no traumatismo da morte" (p. 103). Realmente é possível perceber na grande maioria dos depoimentos relatados o sentimento de confiança/esperança como decorrência do sentimento de fé. No final deste capítulo os autores destacam alguns mecanismos por meio dos quais a religião pode influenciar a saúde, como segue: comportamento e estilo de vida, apoio social, crenças religiosas, cognição fora do ordinário, rituais religiosos, oração, meditação, confissão, perdão, conversão, exorcismo, liturgia, bênção, direção espiritual, linguajar para depurar o estresse e gerar adequação na conduta pessoal. Em suma, dizem os autores, "a religião representa o ponto máximo de autoexteriorização do homem pela infusão dos seus próprios sentidos sobre a realidade" (p. 125).

No quarto capítulo um novo elemento entra em cena: o papel da família no combate à doença. A cargo deste capítulo, que é o último da obra, está a tentativa de demonstrar como a mulher soropositiva se sente em relação à sua família e como é percebido o comportamento familiar em relação a ela. Trata-se de uma via de mão dupla, dos sentimentos da paciente sobre a família e, no movimento inverso, do modo como as famílias lidam com o fato de possuir uma pessoa com o

vírus HIV/AIDS. Entre outros aspectos, chama-nos a atenção o fato de a reconfiguração do modelo tradicional de família trazer repercussões também sobre o campo religioso: "como estamos vendo, se o campo religioso está em mudanças hoje, há também outra esfera de significações e de articulação da vida cotidiana que passa por significativas mudanças. Trata-se da família, evidenciando também reconfigurações nas relações de gênero" (p. 139). A despeito da imagem de "porto seguro", as fragilidades inerentes à família trazem cada vez mais repercussão para o meio social, incluindo o campo religioso. É inegável, como apontam os autores, que "a notícia da soropositividade altera significativamente o imaginário dos sujeitos sobre a família. Busca-se na família um lugar de aconchego e afeto" (p. 167). Isso, contudo, não significa que todas as famílias correspondam a este anseio. Haverá famílias que diante de tal acontecimento ver-se-ão desestruturadas, imersas em crises das quais talvez não conseguirão se libertar. Ocorre que em se tratando do ser humano e suas relações não podemos estabelecer um paradigma predominante a ser constatado na maioria dos casos; e caso pudéssemos estabelecê-lo, o valor da família como o lugar do aconchego certamente ganharia maior relevo. De tudo o que foi exposto, porém, ao menos uma conclusão permanece segura: de acordo com o depoimento das mulheres entrevistadas, "assim como a religião, a instituição família apresenta grande importância no enfrentamento da infecção pelo HIV/AIDS" (p. 167) – este, portanto, é o fator inegável.

Para concluir, quer seja abrindo novos horizontes de reflexão, quer seja trazendo para o debate conceitos velhos conhecidos da Antropologia e da Sociologia da Religião, permanece a contribuição de *Medicina e Religião no enfrentamento do HIV/AIDS* para as atuais pesquisas em Teologia e Ciências da Religião. Dado o seu rigor conceitual e metodológico, firma-se, simultaneamente, como modelo e referência para outros trabalhos que provavelmente virão a ser desenvolvidos sobre o tema. De nossa parte, novamente externamos nossos cumprimentos aos autores, com o desejo de que novas pesquisas venham a público.